

IRENE VAQUINHAS

**QUANDO A GORDURA COMEÇOU A DEIXAR DE
SER FORMOSURA... OS CAMINHOS DE UM
NOVO PARADIGMA ESTÉTICO NOS FINAIS
DO SÉCULO XIX – INÍCIOS DO SÉCULO XX**

Separata da Revista de História das Ideias, Vol. 33
Faculdade de Letras
Coimbra
2012

QUANDO A GORDURA COMEÇOU A DEIXAR DE
SER FORMOSURA... OS CAMINHOS DE UM
NOVO PARADIGMA ESTÉTICO NOS
FINAIS DO SÉCULO XIX – INÍCIOS DO SÉCULO XX**

Introdução

“[...] A beleza feminina adquirida ao longo dos séculos, não é uma conquista definitiva da raça humana [...]. É a distribuição secular das tarefas entre o homem e a mulher que, com o tempo vai diferenciando o seu aspecto exterior”. É com estas palavras que Marcel Braunschvig, autor de uma obra intitulada *La femme et la beauté; le rôle de la beauté dans la nature*, expunha, em 1929, a mudança dos padrões estéticos, num momento de profunda reformulação do conceito de beleza feminina: os Anos Vinte (Braunschvig, 1929, 240).

Desde finais do século XIX, mas com particular insistência a partir do início do século XX, que se vinha assistindo a uma alteração dos cânones estéticos da beleza feminina, bem expressa num novo tipo de silhueta,

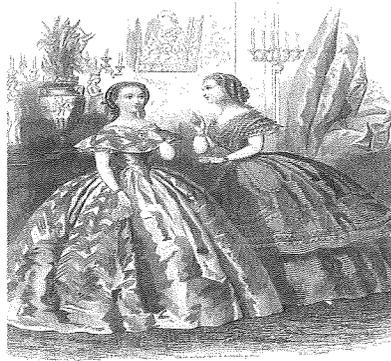
* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

** O texto base desta comunicação foi apresentado, pela primeira vez, a 24 de Abril de 2008, na Universidade de Santiago de Compostela, estando publicado sob o título “Quando a gordura começou a deixar de ser formosura... (finais do século XIX-inícios do século XX)”, *Semata, Ciências Sociais e Humanidades*, vol. 21, 2009, Universidad de Santiago de Compostela, pp. 91-105. Foi também apresentado, com algumas alterações, nas XIV Jornadas Históricas “A História do Corpo”, realizadas de 10 a 12 de Novembro de 2011, no Auditório da Câmara Municipal da Cultura, de Seia.

alongada e esguia, em substituição das formas opulentas, de forte cunho maternal, que dominaram parte da centúria de Oitocentos. Trata-se de um tipo longilíneo que deixou numerosos testemunhos nas artes e letras do tempo, desde a pintura de Modigliani e de Vlaminck, passando pelos grandes costureiros que se afirmavam no campo da moda, como é o caso de Poiret e Madeleine Vionnet, entre outros exemplos que se poderiam citar.

A tendência que nesta matéria se observa aponta para uma progressiva naturalidade das formas, com reflexos ao nível do vestuário que se simplifica, ajustando-se ao corpo e estilizando a silhueta, fazendo cair em desuso as ornamentações excessivas ou os mecanismos artificiais que exageravam os caracteres da feminilidade.

Refiro-me, em especial, aos espartilhos, bem como às saias-balão ou crinolinas que chegaram a tomar “dimensões colossais” por volta de 1850-1860, bem como às *tournures* ou almofadas de crina com aros de aço, colocadas ao fundo das costas presas ao espartilho, entre tantos outros atavios destinados a dar relevo ao busto e aos quadris, e que dificultavam os movimentos, numa evidente correspondência entre o estilo dos diversos ornamentos e o das silhuetas femininas.



Journal des Demeiselles
Paris, 1850

Lithograph, Paris, 1850 ca
Lithographie, Paris, vers 1850
Steindruck, Paris, gegen das Jahr 1850
Литографія, Париз, 1850

Figura 1 – Senhoras com crinolinas, também chamadas “saias-balão”

Fonte: *Fashion*, 2003, 141.

Quando a gordura começou a deixar de ser formosura...



Journal des Dames et des Modes

Figura 2 – Senhoras com *tournures* ou almofadas de crina com aros de aço, colocadas ao fundo das costas presas ao espartilho

Fonte: *Fashion*, 2003, 163.

Gestos simples como sentar, passar por uma porta estreita ou caminhar podiam ser incomodativos e até “cômicos”, “como quando o vento virava do avesso a crinolina à laia de chapéu de chuva”, prestando-se as saias-balão à troça, dando o mote a poemas satíricos, como estes que se citam, ambos publicados por Alberto Pimentel na revista *Branco e Negro* de 30 de Maio de 1897:

“Trazem balões enfunados
Virgens, casadas, viúvas,
E os antípodas, pasmados,
Cuidam que são guarda-chuvas;
E n’estas estreitas ruas,
A fugir de tais faluas,
Nem das casas na soleira
Ficam salvas as canelas:
Vê-las assim, todas elas,
Não me cheira”.

"O balão da minha ama
É como a roda d'um carro
Quando entra na cozinha,
Faz abanar o sobrado.

Arreda, janota, arreda,
Deixa passar o balão.
As varas são sete juncos!
Que dinheiro custarão".

O autor acima citado refere ainda, em tom bastante mordaz, que "Bastava" uma dama com crinolina "para assambarcar uma carruagem de mala-posta em prejuízo dos passageiros do sexo masculino". Trata-se, no entanto, de atavios que, embora funcionassem como entraves a qualquer esforço físico, eram prestigiantes pelo significado social que veiculavam. Com efeito, ao constrangerem a uma imobilidade forçada, demonstravam que a mulher não tinha necessidade de trabalhar, podendo dedicar-se a uma vivência de tipo ocioso, só acessível a uma minoria economicamente abonada.

O seu banimento do vestuário feminino acompanha alterações significativas no papel das mulheres na sociedade do seu tempo.

Compreender a mudança dos padrões estéticos referidos e, sobretudo, contextualizar historicamente o momento em que o conceito da "beleza-magreza" se vai sobrepor ao modelo da "gordura-formosura", é o meu objectivo principal nesta breve comunicação, tomando, sobretudo, como objecto de análise, ou *case study*, a realidade portuguesa.

A valorização da "mãe de família" no discurso dominante e o seu impacto na silhueta feminina

O discurso dominante oitocentista exalta o papel da mulher como "mãe de família", ao mesmo tempo que o progresso científico valoriza a maternidade como destino biológico, enquadrando-a numa "eterna natureza feminina", fixa, imutável e universal.

Na construção deste esteriótipo destaca-se a medicina, ciência que assume, no contexto da progressiva laicização da sociedade, o estatuto de verdadeiro discurso do poder, atribuindo-se à palavra do médico, força de lei e o estatuto de uma verdade insofismável (Garnel, 2003).

De acordo com o discurso médico vigente, o sexo feminino é definido pela sua aptidão para a maternidade, caracterizando-se, em termos físicos e morais, pela fragilidade e pela sensibilidade, ponto de vista bastante comum e que Michelet sintetizaria numa só frase: as mulheres são “eternas doentes pela sua fisiologia” (Moreau, 1982).

A maternidade é considerada como um destino natural da mulher, insistindo a doutrina médica que, durante a puberdade, a rapariga devia dedicar todas as suas energias ao desenvolvimento dos órgãos reprodutores. O corpo é concebido como um sistema fechado, com uma quantidade limitada de energia e aquela que se dedicava a uma parte do organismo tinha que ser obrigatoriamente retirada de outro. A fim de manter esta “força vital”, como então se dizia, não era aconselhada uma instrução aprofundada para as mulheres, uma vez que se considerava que o “estudo em demasia” reduzia a energia disponível para os órgãos femininos mais importantes – os reprodutores –, causando ou, pelo menos, tornando a mulher menos fecunda ou incapaz de amamentar (Vaquinhas, 2005, 73).

Para João Ayres de Azevedo, autor oitocentista, “O desenvolvimento intelectual é, [...] causa de esterilidade, e na mulher, além de a tornar menos fecunda, torna-lhe a secreção do leite cada vez mais pobre” (Azevedo, 1905, 156). Idêntico parecer seria formulado por José Ferreira de Macedo Pinto, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, no seu manual intitulado *Medicina Administrativa e Legislativa*, o qual afirmava que:

“Mostra a experiência [...] que os frutos colhidos da árvore da ciência pela mulher, quase sempre lhe alteram a sexualidade: as mulheres que se tornaram célebres pelos seus estudos científicos, principalmente dos que exigem forte e continuada reflexão, perderam de todo, ou em grande parte, a faculdade de reprodução; semelhantes à flor, que pela indústria do jardineiro multiplica suas pétalas e se ostenta mais bela e vistosa, porém tornando-se estéril” (Pinto, 1862, 50-51)⁽¹⁾.

Nesta linha de pensamento, reproduzida até à exaustão, a adolescente que reduzia ao mínimo o trabalho cerebral podia dedicar toda a sua energia ao sistema reprodutor. Em contrapartida, aquela que se esforçava

⁽¹⁾ Trata-se do manual da disciplina de “Higiene Pública”, da Licenciatura em Medicina, tendo permanecido em vigor até ao final do século XIX.

em termos intelectuais desviava necessariamente as suas energias, convertendo-se num ser débil e nervoso, eventualmente estéril e, sob certos aspectos, perigoso para a sociedade, uma vez que os seus filhos (se algum dia os tivesse...) seriam débeis. Os próprios livros são encarados com grande suspeição, sendo responsabilizados pelo que então se designa "as patologias da leitura" (as cifoses, os desvios de coluna, as amnorreias), considerando-os como um dos factores exógenos dessas doenças. A rapariga devia ler "pouco e bem", entendendo-se por essa expressão, leituras clássicas e severas, com um claro objectivo anti-romântico, destinado a fortalecer a "razão feminina".

A medicina fornecerá argumentos, considerados insuspeitos e cientificamente válidos, a outras áreas do conhecimento, reanimando um debate sobre a condição feminina e o papel das mulheres na sociedade.

Nesse sentido, a maternidade não é apenas encarada como um destino inscrito no corpo da mulher mas como um dever que a utilização do vocábulo missão, bem expressa. "A missão da mulher é ser mãe", sentenciava D. António da Costa, em 1870, entendendo-se que essa missão não se limitava à procriação e ao aleitamento, mas consistia também na educação dos filhos, os homens e as mulheres do futuro (Costa, 1870, 145). A própria instrução feminina, que avança a partir da década de setenta, é exigida em nome de um melhor e mais eficiente cumprimento das funções maternais. Reconhece-se que compete à "mãe de família" encorajar e fortalecer nos cidadãos do futuro, em benefício do Estado-nação, as virtudes individuais e sociais, base do respeito pelas instituições e pela ordem estabelecida.

Subordinada a esse objectivo, a instrução deveria ser equilibrada, apoiada numa sólida formação moral e religiosa, distinta da do sexo oposto, prática e que, de modo algum, fossem ministrados à mulher conhecimentos em demasia sob pena daquela se "masculinizar". Princípios que seriam, aliás, corroborados pelos adágios populares. O provérbio "Burra que faça him e mulher que saiba latim não a quero para mim" traduz, melhor do que muitas palavras, a reprovação social de que era alvo a mulher que ousava transcender os horizontes culturais impostos pelo seu tempo. O próprio historiador Oliveira Martins não escapou a esta vaga de fundo, satirizando a intelectual que definia como "um virago de cabelo curto, e óculos, vestido pardo e sólidas botifarras, sobraçando rimas de livros" (Martins, 1924, 165), ou seja, como a antítese da feminilidade, tal como esta era entendida no século XIX.

A própria Igreja católica vem ao encontro deste discurso, ajudando a formalizar aquele ideal feminino, sendo o modelo feminino católico exclusivamente o da esposa e da mãe. A mulher é encarada com uma aliada fiel na evangelização das consciências e na “reconquista de almas num século em que a religião católica sofre os ataques do anticlericalismo”⁽²⁾, fenómeno, considerado, ao tempo, predominantemente masculino. Aliás, como salientam diversos autores, entre os quais Michela de Giorgio, o catolicismo no século XIX, “escreve-se no feminino” (Giorgio, 1994, 202), pretendendo-se com isso identificar a “feminização das práticas religiosas, da piedade, do clero” ou inclusivamente a multiplicação de congregações femininas activas, bem como a difusão da devoção à Virgem Maria ou dos cultos marianos, os quais subentendem a recuperação dos valores maternos. Estudos de sociologia religiosa confirmam estas conclusões, demonstrando que, três em cada quatro praticantes, são mulheres.

Neste contexto, atribui-se à mulher a missão de ser a depositária da fé e a guardiã da religião no seio da família. António Xavier de Sousa Monteiro sintetiza bem esta ideia, ao afirmar que “A mulher verdadeiramente cristã é um missionário no coração da sua família; porque faz aí reinar a religião, observar a moral e florescer a devoção” (Monteiro, 1872, 194).

Os “discursos do poder”, entenda-se, a medicina, a religião e o direito, faziam, pois, a valorização da “mãe de família”, cuja “missão” é bem alargada. Todavia, no momento em que o desenvolvimento das ciências positivas começava a pôr em causa aquele esteriótipo, preocupações de natureza natalista reforçam o pensamento médico, passando a considerar-se a maternidade não apenas como um destino biológico mas um verdadeiro dever patriótico.

Refiro-me, em concreto, à ameaça de despovoamento, causada fundamentalmente pela emigração, assim como preocupações de natureza demográfica (alta mortalidade infantil e índices elevados de raquitismo e doenças similares, sobretudo na população fabril das cidades de Lisboa e do Porto; número elevado de incapazes, de alcoólicos, de tuberculosos e de portadores de doenças venéreas, conforme

⁽²⁾ “Carta aos parochos sobre a instrução religiosa dos povos”, *Instituições Christãs*, nº 10, II anno, 20 Nov. 1884, p. 358.

acusavam os recenseamentos militares), entre outros aspectos, mais ou menos apocalípticos, que atingiam sobretudo o operariado.

Trata-se de um discurso que adquire uma dimensão quase trágica nos finais do século XIX, num contexto político e ideológico muito preciso: o de crise nacional e política despoletada pelo Ultimato britânico, de 1890. No preciso momento em que a pátria parecia soçobrar perante o imperialismo inglês e se impunha uma nação económica e politicamente forte a fim de poder rebater a forte concorrência internacional, inúmeros autores, com largo destaque para os médicos – caso de Ricardo Jorge, de Alfredo da Costa, de Samuel Maia – denunciavam a inferioridade física da população, designando-a pela sombria expressão de “decadência fisiológica da raça portuguesa” (Vaquinhas, 1992, 370-371). Trata-se de um discurso ideológico que, embora não esteja adscrito a qualquer corrente política, será sobretudo explorado pelo republicanismo, associando-se a decadência física da população aos inconvenientes de uma monarquia corrupta.

Partindo-se do pressuposto que uma população numerosa e sadia era condição necessária para preservar a capacidade económica e militar do país, investe-se na “regeneração da raça pela protecção à mãe e aos filhos”, como então se escrevia.

Correspondendo ao apelo patriótico de “salvação da pátria”, que caracterizou o republicanismo na sua fase de propaganda, as mulheres são chamadas à enorme responsabilidade de “regenerar a raça lusa, regenerando a sociedade”⁽³⁾. Este objectivo terá a sua formalização plástica na representação iconográfica da República como uma mulher robusta de peitos generosos.

A maternidade era, pois, entendida como o destino natural da mulher, o que se reflectia ao nível do padrão de beleza feminina. Este é eminentemente “maternal”, evocativo da função reprodutora. O corpo feminino é marcado por um dimorfismo sexual acentuado, valorizando-se as formas arredondadas, os seios abundantes e as ancas largas que a cintura apertada pelo espartilho ainda mais realçava, impondo à figura feminina a silhueta em S, tão característica de finais do século XIX ou dos inícios do século XX.

⁽³⁾ *Alma Feminina*, 25 Ago. 1907.

Quando a gordura começou a deixar de ser formosura...

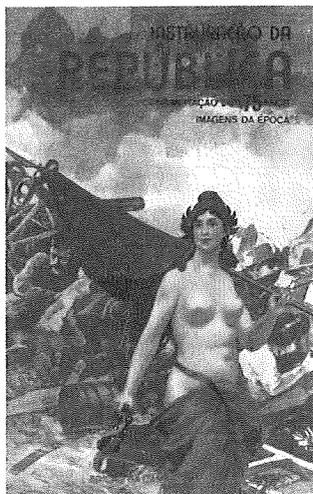


Figura 3 – Uma imagem da “República”

Fonte: Capa do livro *Instauração da República. Comemoração dos 75 anos. Imagens da Época* (Edição da Câmara Municipal de Aveiro, 1985), a partir de uma litografia de 1910.



Figura 4 – A silhueta em “S”, comum no início do século XX. O espartilho, ao apertar a cintura, realçava o busto, criando o efeito chamado “peito de pomba”

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, nº 143, 16 Nov. 1908.



Figura 5 – Fotografia de Berta da Silva, considerada “a mais bela corista dos teatros de Lisboa”

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, II série, nº 1, 1906, 28.

Para a maior parte da população, a beleza feminina identificava-se com a robustez das formas. Corresponde a esse arquétipo dominante, o anúncio de um depurativo publicado na revista *Ilustração Portuguesa*, de 14 de Maio de 1906, onde se afirmava “Saudável, gorda, corada e bonita”.

DEZENAS DE CURAS PROVAVEIS O ATTESTAM

Eu já fui assim!



Cheguei a estar quasi assim



Depois que usei o LICOR VEGETAL, consegui rapidamente ficar assim



Saudavel, gorda, corada e bonita!!!

O LICOR VEGETAL é o depurativo por excellencia que mais se tem recommendado n'estes ultimos tempos para o tratamento radical das diversas manifestações syphiliticas, affecções chloroticas, menstruações difficis e dolorosas, escrophulas, reumatismo em todas as suas manifestações, ulceras, foridas, chagas cancerosas, eczema, molestias de pelle, manifestações herpeticas, inflammation dos olhos, doengas do utero e dos ovarios, sendo ao mesmo tempo um prodigioso inimigo contra a terrivel morphea e contra todas as molestias provenientes da impureza do sangue.

O LICOR VEGETAL não prejudica o estomago a quem d'elle faz uso; antes o regularisa.

Preço de cada frasco, 1\$000 réis; 7 frascos, 6\$000 réis. Para a provincia: mais 300 réis para o porto. Fazem-se remessas de 7 frascos como recommenda postal para o Brazil e Africa.

Pedidos ao unico deposito em Lisboa:

PHARMACIA BRAZILEIRA

15, LARGO DE S. DOMINGOS, 15-A

Unico depositario em Sabal: JOÃO MENDES ESTAFETA

Prevenção importante — O LICOR VEGETAL nada tem de commum com o Depurativo Dias Amado.

Figura 6 – Anúncio ao depurativo “Licor vegetal” capaz, segundo a publicidade, de tornar uma mulher, “saudável, gorda, corada e bonita”

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, II série, nº 12, 1906, 8.

Sintomático desse “imperialismo estético” é o volumoso acervo de anúncios a tónicos e a reconstituintes nas páginas da imprensa do tempo. É o caso, entre outros exemplos representativos, da *Ilustração Portuguesa*, uma revista de grande divulgação nos finais do século XIX e no início do XX, onde aquela publicidade é dominante. Mais precisamente, no período de 1884 a 1892, os anúncios a esse tipo de produtos representam 35% de toda a publicidade da revista (Pereira; Pita, 1993, 502).

Paralelamente, são frequentes na imprensa receitas e dietas para engordar, nas quais se associa a “Boa disposição, bom humor”, ao “Levantar



Figura 7 – Anúncio ao tónico “Histogenol”
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, nº 298, 6 Nov. 1911.

tarde, deitar cedo”, acompanhado por “Refeições a horas regulares, e abundantes, embora sem excessos”⁽⁴⁾.

O receio da tuberculose, considerada um verdadeiro “flagelo”, justifica, em parte, o predomínio dos reconstituintes na publicidade, o qual, no entanto, se adequa aos critérios de beleza que identificam gordura com formosura.

As próprias crianças não escapam a esse padrão de “beleza e robustez”, chegando o jornal *O Século* a organizar, como forma de “desenvolvimento da raça portuguesa”, concursos e exposições de bebés “fortes e sadios”⁽⁵⁾.

⁽⁴⁾ É o caso, entre outras que se poderiam mencionar, da receita publicada na revista *Modas & Bordados* (nº 488, 15 Jun. 1921).

⁽⁵⁾ *O Século*, 4 e 7 Jan. 1908; *Ilustração Portuguesa*, 14 Dez. 1908.

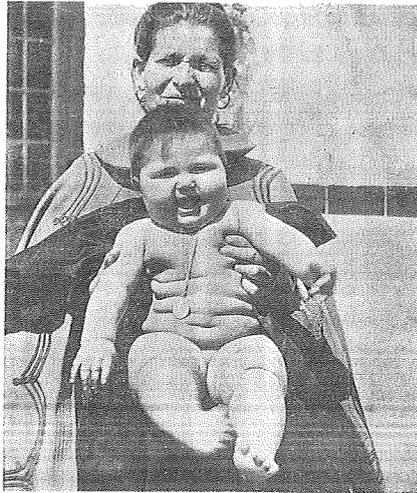


Figura 8 – Fotografia de um dos bebês apresentados na Exposição de crianças promovida pelo jornal “O Século”, em 1908, e como correspondendo ao “ideal de robusteza e beleza”.

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, n° 126, 20 Jul. 1908.

No ano de 1908, aquele jornal levará a cabo uma intensa campanha intitulada “Regeneremos a raça”, apelando à urgência da criação de mecanismos de prevenção social (lactários, gotas de leite⁽⁶⁾, creches, etc.), ao mesmo tempo que procurava incentivar os cuidados básicos a prestar à 1ª infância. Como fundamento deste apelo dramático, encontravam-se as estatísticas e os inquéritos feitos às crianças de bairros pobres, sobretudo das cidades de Lisboa e do Porto: a hipotrofia era a regra; o peso situava-se sempre abaixo das médias; os sinais de degenerescência eram comuns (ventres deformados e dilatados, corpos escrufulosos e raquíticos...). “Parada da miséria” qualifica o jornal *O Século*⁽⁷⁾, concluindo pela “urgentíssima missão de acudir ao definhamento pavoroso da raça”. Essa *cruzada* será, sobretudo, encabeçada por médicos que acreditam que por meio da instrução, da higiene, da moralização dos costumes e, em

⁽⁶⁾ As “gotas de leite” são instituições criadas para apoiar as mulheres de estratos sociais humildes, em meio urbano: prestam conselhos às mães, incentivam o aleitamento materno e distribuem leite quando este falta ou é insuficiente.

⁽⁷⁾ *O Século*, 9 Jan. 1908.

particular, da alimentação, é possível melhorar as características físicas das crianças das camadas mais desfavorecidas da população urbana.

Empenham-se sobretudo naquilo que passou à história pela designação da “batalha do leite”, ou seja, a alimentação láctea em substituição da alimentação sólida, considerada a principal responsável pela alta mortalidade infantil (muito em especial, “o hábito da rolha”⁽⁸⁾, das açordas, da alimentação sólida prematura e das “várias artes de matar crianças e avariar adultos”).

O perigo alimentar, assim designado, era o principal responsável pelo óbito de crianças até ao primeiro ano de idade. Em causa estava a alimentação desequilibrada, sobretudo o facto de se ministrar alimentos sólidos a crianças de tenra idade, sendo a gastroenterite uma das principais causas da mortalidade infantil. O combate a essa doença exigia, na óptica do tempo, o recurso ao aleitamento materno ou, pelo menos, à alimentação láctea. Algumas grandes empresas, tanto portuguesas como estrangeiras, empenham-se nas “campanhas do leite”, oferecendo “farinhas lácteas” (caso da “Bledine” que era distribuída gratuitamente às crianças assistidas no “Instituto de Puericultura de Lisboa” no início do século XX) ou divulgando os seus produtos na imprensa (como ocorria com as farinhas “Nestlé” ou “Galactina”, entre outras).

Como principal ideia-força veiculada por toda esta campanha: a robustez e o volume das formas.

Os êxitos alcançados na selecção artificial da botânica e da zootecnia animam a crença de que é possível melhorar as qualidades físicas e morais humanas, dando azo a uma verdadeira *hominicultura* ou “arte de criar belas crianças”. A assimilação entre os dois fenómenos é inequívoca para o médico republicano Samuel Maia, o qual escreve no jornal *O Século* de 6 de Janeiro de 1906: “se nós temos crisântemos com mais de uma centena de folhas, se temos cravos do tamanho de repolhos, porque não havemos de ter crianças de 10 Kg com a pele da cor dos cravos cor-de-rosa?”. Expressão de uma *hominicultura*, como se fosse possível criar crianças, como quem cria gado... Aliás, a “cultura das crianças” será objecto de grande chacota em algumas revistas médicas, associando-a à “cultura das batatas e das couves”⁽⁹⁾...

⁽⁸⁾ A “rolha” consistia num pedaço de pano embebido em vinho e acúcar dado às crianças e com funções análogas à da chupeta.

⁽⁹⁾ “Apanha Congresso”, *Movimento Medico*, 4º anno, nº 3, 1 Jun. 1904, p. 54.



Figura 9 – Publicidade à farinha Nestlé que “faz robustas as crianças”.
Fonte: *Eva*, n° 40, 6 Feb. 1926.

A emergência de um novo ideal: a esbelteza. Sua difusão pela “garçonne” ou, na versão portuguesa, a “cabelos à Joãozinho”

Porém, ao mesmo tempo que se formaliza o ideal físico da robustez e do volume das formas, tendo como principal destinatário a população económica e socialmente desfavorecida, no seio da qual se verificam os efeitos mais perniciosos das deficiências alimentares, difunde-se um novo tipo de discurso, dirigido às classes superiores, que valoriza a noção de “esbelteza”. Em termos plásticos, esta caracteriza-se por uma silhueta menos marcada mas mais musculada, por formas harmoniosas e pelo corpo e pela coluna vertebral direitos.

A arte influencia também esse conceito de elegância física. A principal referência estética é, nesta matéria, o ideal clássico de beleza, imortalizado na estatuária da Antiguidade Clássica. As menções a este arquétipo repetem-se na imprensa, associando-se “um corpo direito e esbelto à rectidão moral”. Trata-se de uma reformulação da velha doutrina grega da correspondência harmoniosa entre a aparência exterior e a interior, entre a beleza do corpo e a da alma, ou seja, “uma mente sã num corpo

são" (Vaquinhas, 2000, 62-63). Através do desporto tenta-se conciliar esses dois vectores, procurando-se incentivar a sua prática pelas mais jovens.

Exemplo desta orientação é o artigo com o sugestivo título "ponham-se direitas, minhas meninas"⁽¹⁰⁾ no qual, a par das vantagens morais dos "bons costumes físicos", se ensinam alguns exercícios. Não se trata – advertia o articulista de a *Ilustração Portuguesa* – de "fazer de uma rapariga uma *sportwoman*, cousa dispensável na vida", mas tão-só "formar um corpo elástico e belo" afim de que "cumpram o seu glorioso destino de agradar". Nesse sentido, considera-se adequado ao sexo feminino um número restrito de actividades desportivas (a ginástica, a velocipedia, o *lawn-tennis* e pouco mais), ao mesmo tempo que, na imprensa, se divulgam exercícios de ginástica, de dietas ou de tratamentos destinados a "readquirir as formas esbeltas"⁽¹¹⁾.

A valorização do corpo, tendo como parâmetro estético o ideal de beleza da Antiguidade Clássica, beneficia ainda do progresso do higienismo que relaciona o belo com o bem-estar físico e moral (Pereira; Pita, 1993, 494-495), bem como da reabilitação dos Jogos Olímpicos promovida no final do século XIX pelo barão Pierre de Coubertin, assim como da expansão da indústria cosmética. Com efeito, o belo adquire no final do século XIX uma forte conotação médica, sendo entendido como o culminar da saúde. Uma mudança que ocorre sob a pressão das indústrias farmacêutica e cosmética e que está associada à revolução científica da química e da microbiologia.

A partir do século XX, o tema da obesidade começa a ser tratado como nunca o fora até aí, multiplicando-se nas revistas femininas artigos sobre este assunto, redigidos sobretudo por médicos. Aconselha-se às classes abastadas uma "alimentação mais rica em alimentos finos, como a carne, o peixe, os legumes verdes e os frutos [...] e evitar os alimentos seculentos e os cereais – comida dos pobres, porque mais económica – que fazem engordar" (Alvim, 1997, 187).

A esta alteração da silhueta feminina não é alheia uma certa emancipação da mulher e a sua progressiva entrada no mercado de trabalho, muito em particular a partir da I Grande Guerra.

⁽¹⁰⁾ *Ilustração Portuguesa*, 10 Dez. 1906.

⁽¹¹⁾ *O Jornal da Mulher*, I anno, n° 4, 28 Ago. 1910.

Em 1900, segundo dados do *Recenseamento da população* analisados por Paulo Jorge Alves Guinote, 28,2% da população feminina portuguesa exercia uma profissão remunerada fora do lar (Guinote, 1994, 223). A grande novidade neste domínio é, porém, a presença de mulheres nas novas profissões. Como dactilógrafas, amanuenses, escriturárias, telefonistas ou ainda como professoras, médicas, enfermeiras ou subinspectoras, estas iam preenchendo postos na administração pública (nos ministérios, na Junta do Crédito Público, entre outros organismos) de tal modo que, em 1930, 7,1% do funcionalismo do Estado era constituído por mulheres, não contando com aquelas que se empregavam nos correios, telégrafos e telefones do Estado (Guinote, 1994, 252).

A entrada no mundo do trabalho impõe, inclusive, um tipo de vestuário mais funcional, fazendo cair em desuso as ornamentações excessivas. Os próprios costureiros desenham, para a mulher activa, roupa adequada à marcha como é o caso do *tailleur* e do género alfaiate, antecessores do fato saia-casaco que Coco Chanel criaria alguns anos mais tarde, próprios para "permitir movimentos ágeis e vigorosos".

O corpo feminino libertava-se lentamente dos seus constrangimentos, esboçando-se um novo ideal de beleza e de elegância femininas, tendendo a silhueta a estilizar-se e as formas a serem menos marcadas, o que se compagina com uma nova feminilidade, feita de descontração, de discreta liberdade e de simplificação no trajar, aliado ao conforto e ao bem-estar.

Este novo tipo físico terá a sua consagração nos Anos Vinte na "garçonne", uma figura da modernidade, designada em Portugal, pela expressão "cabelos à Joãozinho". Esta era identificada pelos cabelos curtos, pelas saias pelo joelho e pelo vestuário de linhas simples, direitas e de cintura descida; por um novo tipo físico (delgado e ágil), de aparência rebelde e de certa forma masculinizado, assim como por novas atitudes (adepta do desporto e da vida ao ar livre, frequentadora de praias, de clubes nocturnos e de *dancings*). Sendo definidas pelos críticos mais acérrimos como "nucas rapadas, saias pelo pescoço e decotes pelo joelho", as *garçonnes* portuguesas chocaram a sociedade do tempo, suscitando protestos em todos os sectores sociais, em particular nos meios conservadores e moralistas mais intransigentes (Vaquinhas, 2004, 9).

Quando a gordura começou a deixar de ser formosura...

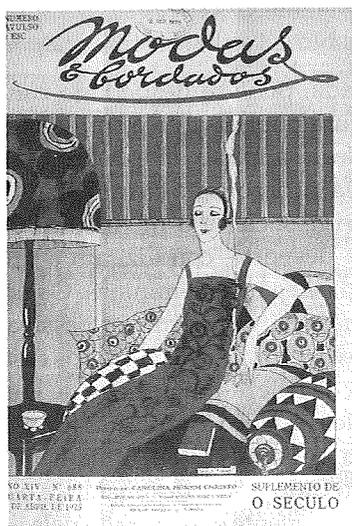


Figura 10 – Uma “garçonite portuguesa”.

Fonte: *Modas & Bordados*, nº 688, Abr. 1925.

Tratar-se-ia de uma doença – “a garçonite” – questionavam alguns articulistas da imprensa periódica, surpreendidos com a rápida difusão do “escandaloso corte de cabelo” nos meios urbanos, que retirava às mulheres um dos seus tradicionais símbolos da feminilidade – os cabelos compridos – equiparando-a ao sexo oposto. Afigurava-se, por isso, subversivo e potencialmente perigoso. Confundindo as identidades sexuais, este era associado a atitudes contestatárias que poderiam pôr em causa o tradicional papel das mulheres na sociedade, sobretudo como mães de família.

O visual *garçonico* começa a perder importância a partir de 1926-1928, acompanhando o fim da I República e os anseios de ordem. Os papéis tradicionais da mulher na sociedade como esposa, mãe e dona de casa nunca foram, porém, questionados (Marques, 2007). Os *velhos do Restelo* podiam descansar... A importância concedida à família como fundamento da ordem social mantinha-se inalterável. O novo visual constituiu, inclusive, uma etapa decisiva no nascimento da sociedade de consumo pelo desenvolvimento que vai imprimir a todo um conjunto de indústrias correlacionadas com o novo conceito de beleza (cosmética, farmacêutica, turística, etc.).

Em conclusão:

Da evolução traçada, pode-se desde logo concluir que o discurso dominante, tendo como público-alvo as mulheres dos estratos sociais mais elevados, privilegia a noção de esbelteza, associada a um corpo delgado. A progressiva incorporação da mulher no mercado de trabalho, a intensificação da vida social e o novo culto pela vida ao ar livre, com destaque para o desporto, conduziram a uma reformulação dos critérios da beleza e da elegância femininas. Os novos tempos exigiam cada vez mais mulheres enérgicas e menos passivas. A moda, enquanto fenómeno ideológico e cultural, reflectia todos esses valores, ajudando, a sobrepor o conceito de beleza-magreza ao de gordura-formosura.

No entanto, o modelo estético assente nas formas corporais "robustas e arredondadas" não desaparece repentinamente, mantendo os seus cultores, e tendo, sobretudo, como destinatários os estratos sociais inferiores, estando ideologicamente enquadrado pela vontade de controlar o que então se designava pela "decadência fisiológica da raça portuguesa".

Bibliografia

- ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas e (1997), *A moda e a beleza feminina no Portugal da 1ª República: "Conselhos e alvitres" (Modas e Bordados, 14 de Fevereiro de 1912 a 29 de Dezembro de 1926)*, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Dissertação de Mestrado.
- AZEVEDO, João Ayres de (1905), *Estudos feministas I – A Mulher*, Coimbra, Livraria Académica João de Moura Marques Editor.
- BRAUNSCHVIG, Marcel (1929), *La femme et la beauté; le rôle de la beauté dans la nature*, Paris, Armand Colin.
- COSTA, D. Antonio da (1870), *A instrução nacional*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Fashion. Mode (1500-1954)* (2003), Paris, L'Aventurine.
- GARNEL, Maria Rita Lino (2003), "O poder intelectual dos médicos. Finais do século XIX-princípios do século XX", *Revista de História das Ideias*, vol. 24, pp. 213-253.
- GIORGIO, Michela de (1994), "O modelo católico", *História das Mulheres*, vol. IV, *O Século XIX*, sob a direcção de Georges Duby e Michelle Perrot, Porto, Edições Afrontamento, pp. 199-237.

- GUINOTE, Paulo Jorge Alves (1994), *Quotidianos femininos*, Lisboa, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Instauração da República. Comemoração dos 75 anos. Imagens da Época* (1985), Edição da Câmara Municipal de Aveiro.
- LÉVY, Marie-Françoise (1984), *De mères en filles. L'éducation des françaises 1850-1880*, Paris, Calmann-Lévy.
- MARQUES, Gabriela Mota (2007), "*Cabelos à Joãozinho*". *A garçonne em Portugal nos Anos Vinte*, Lisboa, Livros Horizonte.
- MARTINS, Oliveira (1924), "*Mulheres-Homens*", *Dispersos*, tomo II, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.
- MONTEIRO, António Xavier de Sousa (1872), "*Importancia da educação religiosa. IV - Aulas e colegios*", *Revista das Sciencias Ecclesiasticas*, tomo 2º, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, p. 194.
- MOREAU, Thérèse (1982), *Le sang de l'histoire. Michelet, l'histoire et l'idée de la femme au XIXe siècle*, Paris, Flammarion.
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui (1993), "*Liturgia higienista no século XIX. Pistas para um estudo*", *Revista de História das Ideias*, vol. 15, pp. 437-559.
- PIMENTEL, Alberto (1897), "*Galeria de Trajos Nacionais. A saia-balão*", *Branco e Negro*, 30 Maio 1897, pp. 302-303.
- PINTO, José Ferreira de Macedo (1862), *Medicina Administrativa e Legislativa*, Primeira Parte – *Hygiene Pública*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- VAQUINHAS, Irene (1992), "*O conceito de decadência fisiológica da raça' e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do século XIX-princípios do século XX)*", *Revista de História das Ideias*, vol. 14, pp. 365-388.
- VAQUINHAS, Irene (2000), "*Alguns aspectos da elegância e da beleza femininas nos finais do século XIX*", "*Senhoras e mulheres*" na sociedade portuguesa do século XIX, Lisboa, Editorial Colibri, pp. 53-79.
- VAQUINHAS, Irene (Coord.) (2004), *Entre garçonnes e fadas do lar. Estudos sobre as mulheres na sociedade portuguesa do século XX*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- VAQUINHAS, Irene (2005), "*Os caminhos da instrução feminina nos séculos XIX e XX. Breve relance*", *Nem Gatas Borracheiras, Nem Bonecas de Luxo. As Mulheres Portuguesas Sob o Olhar da História (Séculos XIX-XX)*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 73-83.